

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG

**A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA
A SAÚDE**

Carlos Magno Rosa

Manhuaçu

2023

CARLOS MAGNO ROSA

**A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA
A SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Curso de Superior de
Medicina do Centro Universitário
UNIFACIG, como requisito parcial à
obtenção do título de Médico.

Área de Concentração: Ciências da
Saúde

Orientador: Hugo de Almeida Fabri

Manhuaçu

2023

CARLOS MAGNO ROSA

A utilização de práticas integrativas na atenção primária a saúde

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Curso de Superior de
Medicina do Centro Universitário
UNIFACIG, como requisito parcial à
obtenção do título de Médico.

Área de Concentração: Ciências da
Saúde

Orientador: Hugo de Almeida Fabri

Banca Examinadora

Data de Aprovação: ____/____/____.

Hugo de Almeida Fabri / Professor UNIFACIG

/ Professora UNIFACIG

/ Professor UNIFACIG

Manhuaçu

2023

RESUMO

A medicina integrativa se desenvolveu como resultado de tentativas de explorar novas formas de trabalho conjunto entre a medicina convencional e a medicina alternativa. O surgimento da medicina integrativa (MI) e a reconfiguração dos modelos de assistência à saúde foram em grande parte o resultado de uma revolução liderada por consumidores que, por um motivo ou outro, estão desencantados com as práticas convencionais ou buscam um novo tipo de medicina que incorpore os dois tipos de cuidado, e esteja mais alinhada com uma concepção holística de saúde. O objetivo desse trabalho foi compreender como as práticas integrativas podem ser aplicadas no cotidiano da atenção primária a saúde. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados Scielo e Google Scholar, utilizando as palavras-chave: “Terapias integrativas”, “Atenção Primária a Saúde” e “Terapias integrativas and Atenção Primária a Saúde”. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: Artigos publicados no últimos 10 anos, textos em português, inglês e espanhol, Revisões e estudos de caso. Após a seleção dos artigos e análise dos dados encontrados, percebeu-se que os estímulos da OMS fizeram com que o Brasil se tornasse um país de vanguarda na utilização de métodos complementares no sistema oficial de saúde. Em 2006, foi publicada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), contemplando sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos, designados pela OMS como medicina alternativa e complementar. Assim, as práticas integrativas representam uma ferramenta de grande importância na Atenção Primária a Saúde.

Palavras-chave: medicina integrativa; atenção primária a saúde; Sistema único de saúde.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	Error! Bookmark not defined.
2. METODOLOGIA	Error! Bookmark not defined.
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	Error! Bookmark not defined.
4. CONCLUSÃO.....	Error! Bookmark not defined.
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	Error! Bookmark not defined.

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos séculos, os cuidados aplicados a saúde humana evoluíram. A tecnologia aprimorou a pesquisa e o desenvolvimento de técnicas e medicamentos para o combate de diversas doenças. Entretanto, os conhecimentos ligados as plantas medicinais e tratamentos convencionais nunca se perdeu. Nesse contexto, se desenvolveu o termo medicina “integrativa” ou medicina “integrada”, que é o resultado de tentativas de explorar novas formas de trabalho conjunto entre a medicina convencional e a medicina alternativa (PATRÍCIO *et al.*, 2022).

Nascimento *et al.* (2018) afirmam que “medicina integrativa” e “medicina integrada” são geralmente entendidas como sinônimos, “medicina integrada” originária dos EUA e “medicina integrativa” do Reino Unido. Esses dois termos parecem intercambiáveis, exceto por uma distinção feita por Hollenberg,¹⁸ que usou o termo "medicina integrada" para descrever cuidados de saúde em que a medicina tradicional foi incorporada ao modelo biomédico (medicina de coalizão) e "medicina integrativa" para descrever um sistema de cuidado de ordem superior que enfatizou o bem-estar e o holismo.

Argumenta-se que a medicina integrativa representa uma expansão da racionalidade médica em todos os domínios da vida humana: biológico, psicológico, sociológico e espiritual. Independentemente da terminologia específica relacionada à medicina integrativa, as tendências recentes apontam para um sistema de saúde cada vez mais pluralista, no qual diferentes cuidados de saúde prestados por diferentes profissionais coexistem (SOARES *et al.*, 2019).

É este crescente pluralismo médico em que tanto a medicina convencional como as modalidades de medicina tradicional são usadas em conjunto em graus variados que este artigo se baseia. Embora a medicina integrativa pareça ter surgido inicialmente nos EUA e no Reino Unido, ela se espalhou para outros países como uma "consequência de fluxos culturais transnacionais". Vários sistemas de distribuição "integrados" entre medicina convencional e medicinal alternativa foram desenvolvidos no Canadá, Europa ,

e os EUA. Tais processos reconheceram o papel que a quiropraxia, a osteopatia, a naturopatia, a homeopatia, a fitoterapia, a acupuntura e as terapias corretivas podem desempenhar no cuidado centrado no paciente (SOUSA *et al.*, 2017).

A medicina integrativa se concentra no cuidado da pessoa como um todo e não apenas em sua doença ou enfermidade. Embora procure entender a causa subjacente de seus sintomas ou condição, ela o faz observando a mente do paciente, o corpo e espírito completos. A medicina integrativa usa uma abordagem baseada em evidências para melhorar a saúde e o bem-estar. Juntamente com o aumento do consumo de medicina integrativa e o aumento do número de profissionais utilizando a mesma, surgiu um interesse crescente pelos medicamentos e terapias integrativas para aplicação nos cuidados de saúde primários convencionais. No nível da prática e além, uma cultura de confronto e antagonismo começou a ser substituída por um foco na potencial integração, colaboração e terreno comum. Dessa forma, o entendimento da aplicação e efeitos das terapias integrativas, são importantes para compreender a importância das mesmas no contexto da atenção primária a saúde (DALCANALE e DALLEGRAVE, 2020).

Esses sistemas são econômicos porque reduzem a demanda de serviços hospitalares públicos e os custos. No entanto, a obtenção de uma prática verdadeiramente integrada requer a colaboração em todas as disciplinas médicas e não médicas, bem como o apoio do governo, instituições, profissionais e organizações de pesquisa. Este artigo tem como objetivo compreender como as práticas integrativas foram introduzidas na atenção primária a saúde.

2. Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados Scielo e Google Scholar com base em artigos, revisões bibliográficas e pesquisas sobre o contexto geral e tópicos relacionados. Os descritores utilizados foram: “Terapias integrativas”, “Atenção Primária a Saúde” e “Terapias integrativas and Atenção Primária a Saúde”. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: Artigos publicados no últimos 10 anos, textos em português, inglês e espanhol, Revisões e estudos de caso.

De acordo com Lakatos (1998), a pesquisa é um procedimento formal que emprega um tratamento científico e constitui uma forma para conhecer a verdade e compreender a realidade. Pesquisar é descobrir novos fatos, dados, relações e leis em qualquer área do conhecimento, através de um método sistemático para revisão bibliográfica.

Em qualquer área do conhecimento, através do método de revisão bibliográfica, segue a linha de raciocínio:

"A pesquisa aplicada tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos da pesquisa básica." (GIL, 1998).

Devido aos fins práticos desta pesquisa utilizaremos como natureza a pesquisa aplicada.

"As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores." (GIL, 1998)

A pesquisa foi desenvolvida e classificada de forma que fosse possível atingir o objetivo da pesquisa de forma mais eficiente. Para melhor exploração desta pesquisa, observou-se que ela é classificada como pesquisa exploratória devido ao fato do uso de fontes bibliográficas e descritivas para que fosse possível descrever todo o processo.

Trata-se de um estudo que, para sua consecução, terá por método a leitura exploratória e seletiva do material de pesquisa, assim como sua revisão, contribuindo para o processo de síntese e análise dos resultados de vários estudos, de forma a consubstanciar um corpo de literatura atualizado e compreensível.

3. Resultados e discussão

Após 20 anos da regulamentação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, foi determinada a adoção do uso de Plantas Medicinais e fitoterapia no SUS, buscando um enfoque principal na Atenção

Primária à Saúde (APS). O objetivo dessa junção é a criação de mais uma forma de tratamento para processos de adoecimento da população por meio da valorização do conhecimento popular (MATTOS *et al.* 2018).

Neste contexto, surgiu nos últimos anos o conceito de "medicina integrativa", definida como o uso da medicina complementar em conjunto com a medicina convencional com uma abordagem científica e integral da pessoa (corpo, mente e espírito), incluindo todos os aspectos da seus estilos de vida. Assim, a medicina integrativa, vendo a pessoa globalmente, articula princípios da atenção primária à saúde, como a busca por cuidados de saúde contínuos, integrais e integrais coordenados na comunidade (DALCANALE e DALLEGRAVE, 2020).

O estudo dos modelos de medicina integrativa na atenção primária à saúde deve começar explorando o contexto em que você deseja iniciar a articulação. Nesse sentido, estudos que explorem o real uso da medicina complementar na população em geral (mesmo antes de ir aos serviços de saúde), e os conhecimentos/attitudes em relação a essas práticas por parte dos profissionais de saúde, podem ajudar a fornecer uma análise exploratória às autoridades e gerentes para iniciar o processo de implementação (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

A OMS, juntamente com outras organizações oficiais, reconhece a importância das terapias integrativas e recomenda a sua integração nos sistemas de saúde. Recordando a Declaração de Alma-Ata de 1978 que afirmava, entre outras coisas, que as pessoas têm o direito e o dever de participar individual e coletivamente de seus cuidados, neste mesmo ano, a OMS propôs promover a incorporação dos serviços primários de saúde nos países em desenvolvimento através da publicação de seu relatório "Estratégia da OMS sobre medicina tradicional 2002-2005" como primeiro quadro de ação (ZENI *et al.*, 2017).

No Brasil, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são considerados recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e também a recuperação e tratamento de saúde. Tais terapias são conhecidas

como práticas complementares e integrativas e são regulamentadas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC). Segundo o Ministério da Saúde, em seu portal de notícias oficial, o uso das práticas integrativas no Sistema Único de Saúde (SUS) vem crescendo a cada ano, Por isso, o Ministério da Saúde, a partir da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, passou a ofertar um rol de 29 práticas integrativas, entre o ano de 2017 a 2018, houve um aumento de 48% do número de adeptos, principalmente em atividades, como a yoga e o *tai chi chuan*, já a auriculoterapia mais que dobrou (PORTAL DA SAÚDE, 2019). Além de tais práticas, outras vem sendo aplicadas:

Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Medicina Antroposófica, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Termalismo Social/Crenoterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Yoga, Apiterapia, Aromaterapia, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de mãos, Ozonioterapia e Terapia de Florais (Ministério da Saúde, PNPIC, 2006).

Tais práticas vem sendo aplicadas nos programas de Atenção Primária do SUS e alguns estudos demonstram os benefícios que as mesmas apresentam nos tratamentos de saúde. De acordo com Zeni *et al.* (2017), em seu estudo com 701 indivíduos em Blumenau (SC), foi observado que a maior parte dos entrevistados utilizava o tratamento com Terapias Integrativas e plantas medicinais. Os autores observaram também que a utilização das mesmas da APS contribui para o bem estar dos pacientes de diferentes maneiras, desde a diminuição do estresse e ansiedade, até a melhora de sintomas como dor e mal estar.

Além disso, evidências científicas publicadas comprovam a eficiência das Terapia Integrativas, práticas e terapias que continuam se perpetuando de geração em geração. Tais terapias são uma forma de promover a saúde em pacientes de diversas idades e estados de saúde e não somente práticas

utilizadas em pacientes em estado terminal. Assim, a inserção e adequação das Terapias Integrativas no SUS compreende o atendimento de uma demanda social e a garantia de um direito de escolha do paciente, diante de uma outra abordagem de cuidado (PATRÍCIO *et al.*, 2022).

Diante desse contexto de fragmentação e necessidade de humanização, a união da medicina convencional e integrativa deve pautar-se pelos princípios da autonomia, corresponsabilidade, protagonismo dos sujeitos envolvidos, solidariedade, respeito aos direitos dos pacientes e participação coletiva no processo de gestão. No entanto, deve ser um processo gradual e deve-se ter cuidado para evitar que as terapias integrativas se tornem uma mera prestação de um novo serviço à comunidade. De tal forma que requer um esforço por parte dos trabalhadores, usuários e gestores para mudar o foco da atenção à saúde para uma visão mais integral e humanística (TELESI, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora pareça evidente a mudança dos modelos paternalistas tradicionais de cuidados de saúde para modelos de medicina mais integrativos, ainda há muito trabalho a ser concluído para identificar influências bem-sucedidas na integração da MI e Medicina convencional. No Brasil, com a implementação das PICS, é possível observar ganhos positivos, que comprovam que a utilização das TI é importante para a Atenção Primária a Saúde.

Embora influências como educação, comunicação e atenção aos processos, diretrizes, protocolos e recursos possam ser modelos importantes e bem-sucedidos de integração, muito trabalho precisa ser feito visando um melhor atendimento, com foco central nos cuidados de saúde integrados na medicina convencional e a integrativa.

Por fim, conclui-se que a MI vem fortalecendo o cuidado humanizado, focado no paciente, na relação médico-paciente e em qual tratamento funciona melhor para um determinado indivíduo em um determinado momento pode tornar irrelevantes rótulos como “medicina convencional” ou “medicina complementar” na assistência primária a saúde no Brasil.

Referências

DALCANALE TC, DALLEGRAVE D. Complementary and alternative medicine and social medicalization: lack of definitions, risks, and potentials in primary healthcare. **Cad Saude Publica** 2020; 36(9):e00231519. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wzC3GWydBNNhpTX9kNWFGdk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 de jul. 2023.

MATTOS G, CAMARGO A, SOUZA CA, ZENI ALB. Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. **Cienc Saude Colet**. 2018; 23(11):3735-3744. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wzC3GWydBNNhpTX9kNWFGdk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 de jul. 2023.

Ministério da Saúde. MINISTÉRIO DA SAÚDE INCLUI 10 NOVAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO SUS. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus/>. Acesso em 09 jul. 2023.

NASCIMENTO MC, ROMANOV F, CHAZAN ACS, QUARESMA CH. Formação em práticas integrativas e complementares: desafios para as universidades públicas. **Trab Educ Saude**. 2018 abr;16(2):751-72. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00130>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PATRÍCIO KP, MINATO ACS, BROLIO AF, LOPES MA, BARROS GR, MORAES V, BARBOSA GC. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, 27(2):677-686, 2022. Doi: DOI: 10.1590/1413-81232022272.46312020.

SOARES DP, COELHO AM, SILVA LEA, SILVA RJR, FIGUEIREDO CR, FERNANDES MC. Política nacional de práticas integrativas e complementares em saúde: discurso dos enfermeiros da atenção básica. *Rev Enferm Centro-Oeste Min* 2019; 9:e3265. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/wzC3GWydBNNhptX9kNWFGdk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

SOUSA LA, BARROS NF, PIGARI JO, BRAGHETTO GT, KARPIUK LB, PEREIRA MJB. Acupuntura no Sistema Único de Saúde: uma análise nos diferentes instrumentos de gestão. **Ciênc Saúde Coletiva**. 2017 jan;22(1):301-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017221.10342015>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TELESI JUNIOR E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estud. Av.** [internet] 2016; 30(86):99-112. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0142016000100099. Acesso em: 20 abr. 2023.

ZENI ALB, PARISOTTO AV, MATTOS G, HELENA ETS. Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Cienc Saude Colet** 2017; 22(8):2703-2712